

## COMPORTAMENTO DA FRICATIVA CORONAL EM POSIÇÃO DE CODA: UM ESTUDO VARIACIONISTA DA INTERFACE FALA E LEITURA DE ALUNOS DE DUAS ESCOLAS PESSOENSES

Priscila Evangelista Morais (UFPB/CNPq)  
Izete de Souza Lima (UFPB/PIBIC /CNPq)

Este trabalho é constituído de um estudo a respeito do comportamento da fricativa coronal em posição de coda. Apresentaremos dados relacionados às múltiplas realizações do /S/ em coda silábica, isto é, intra ou inter-vocabular. Pesquisas realizadas na comunidade pessoense, apontam que na oralidade o comportamento da coda interna é diferente ao da coda final, visto que temos realizações diferenciadas para cada posição. Tendo em vista que o nosso *corpus* é constituído por escolares do nível fundamental I, estando, portanto, na fase de aquisição, observa-se que há uma forte tendência de se ler reproduzindo fielmente aquilo que está escrito. Todavia, nossa proposta foi mostrar que as marcas dialetais que envolvem o processo fonológico pesquisado se faz presente no ato de leitura durante o processo de decodificação.

Os resultados apresentados dizem respeito ao comportamento do falante quando se trata de leitura “monitorada”, diante de textos escritos. Apresentaremos a comprovação de alguns argumentos sobre o comportamento diferenciado para a realização do /S/ em posição de coda por meio da análise das variáveis lingüísticas escolhidas.

### 1. TEORIA SOCIOLINGÜÍSTICA: UMA BREVE DESCRIÇÃO

A Sociolinguística é uma ciência que estuda a língua partindo do contexto social na qual ela se insere. Inspirada no método sociológico trata-se de uma pesquisa de campo que objetiva descrever a variedade lingüística de uma dada comunidade. Em outras palavras, pode-se dizer que o objeto de estudo da análise sociolinguística é o vernáculo. Um pesquisador desta área registra e analisa diferentes falares de um determinado grupo, elegendo, assim, a variedade lingüística da comunidade em questão. Para Bright (1974, p. 17 apud. SARAIVA), a tarefa da Sociolinguística é “*demonstrar a covariação sistemática das variações lingüísticas e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção.*”

O precursor da Sociolinguística Quantitativa foi o norte-americano William Labov. Uma análise quantitativa comporta estudos que levam em consideração não só as variantes lingüísticas, mas também as extralingüísticas, componente este ausente no modelo gerativo (modelo precedente ao sociolinguístico). De acordo com a Escola gerativo-transformacional não era possível sistematizar o “caos lingüístico” devido o mesmo ser heterogêneo. Tarallo (1990, p. 6), ao comentar sobre a proposta gerativa, diz que, segundo Chomsky “*o objeto dos estudos lingüísticos é a competência lingüística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade lingüisticamente homogênea*”. Labov, reagindo contra a teoria chomskyana, ressalta a importância da inclusão dos componentes sociais para se fazer um mapeamento e sistematização das variantes existentes de uma determinada língua, dentro de uma mesma comunidade. Para isso, o mesmo aplica em sua primeira pesquisa (feita sobre o inglês falado naquela época, 1963, na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, Estados Unidos da América.), além do condicionador interno, os fatores não-lingüísticos, tais como: faixa etária, classe social, sexo, nível de escolarização, etc.

Para Labov, objeto da lingüística é a gramática da comunidade de fala, o sistema de comunicação usado nas situações naturais de interação social, do tipo face a face. Em outros termos, é o uso espontâneo da língua, sem que se preste atenção ao como, tal qual nas situações de bate-papo, roda de amigos e caseiras, entre outras. Esse objeto é essencialmente heterogêneo em duas direções: comporta um grande número de variantes, estilos, dialetos e línguas usadas pelos falantes e não pode ser arbitrariamente retirado do nicho social em que é usado. (MACEDO, 2004 p. 4)

Tarallo (1990, p. 62) comenta que “*é somente através da correlação entre fatores lingüísticos e não-lingüísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída.*”

Para a Teoria Sociolingüística a variedade lingüística é vista por dois ângulos: diacrônico e sincrônico. No primeiro, o sociolingüista analisa a fala de uma dada comunidade em dois momentos distintos buscando observar as mudanças ocorridas nesse espaço de tempo, levando em consideração as variantes que caíram em desuso. No segundo ponto, o pesquisador estuda a língua num mesmo plano temporal podendo estudá-la com base em aspectos geográficos, sociais e estilísticos.

O procedimento metodológico quantitativo utiliza um modelo matemático estatístico tanto na coleta dos dados (que constituirão o *corpus* da pesquisa) quanto na análise dos mesmos. Este modelo mostra qual a porcentagem de uso de uma determinada variante, bem como a probabilidade de uso desta mesma variante diante de regras variáveis que são dependentes a fatores lingüísticos e extralingüísticos.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DA FRICATIVA CORONAL SURDA

As consoantes fricativas são caracterizadas pela obstrução parcial da corrente de ar. Na produção de um fonema fricativo os articuladores se aproximam causando uma fricção.

No nível fonológico, de acordo com o estruturalismo, Câmara Jr. (1977) cria um quadro fonêmico da Língua Portuguesa, apresentando a diferença de articulação na produção de um segmento fricativo. Segundo, Saraiva (2000), a oposição apresentada entre as consoantes ântero-linguais /s/ e /z/ e as consoantes póstero-linguais /ʃ/ e /ʒ/ acontece tanto em posição de início de palavras como no meio de palavras. Vejamos os exemplos:

(01)

a[s]a: a[z]a	ca[s]a: ca[z]a
a[ʃ]a: a[ʒ]a	[ʃ]a: [ʒ]a

No tocante a posição de coda silábica, os quatro segmentos acima descritos não apresentam valor distintivo, mas, sim, uma variação lingüística de uma comunidade.

Só ocorrem /s/ ou /ʃ/ quando se segue uma consoante surda (pa/S/ta ou pa/ʃ/ta) e /z/ ou /ʒ/ quando a consoante seguinte é sonora (me/Z/mo) ou me/ʒ/mo). Assim, diante de consoante não há mais o contraste surdo sonoro, alveolar palatal, sendo a ocorrência do vozeamento determinada pela qualidade surda ou sonora da consoante seguinte e a palatização dependente do dialeto. (CALLOU & LEITE, 1994. P. 56, apud SARAIVA)

O comportamento da coda se diferencia de acordo com a posição em que ela se encontra. Num contexto pós-vocálico, seguindo os moldes do estruturalismo no modelo de **item e arranjo**, o fonema /S/ encontra-se da seguinte maneira:

(02)

[s] acontece diante de pausa ou de segmento desvozeado (dentro de um dialeto em que não haja palatização);

[ʃ] acontece diante de pausa ou de consoante desvozeada (dentro de um dialeto em que haja palatização);

[z] acontece diante de segmentos vozeados (ex. consoante sonora e vogal);

[ʒ] acontece diante de segmentos vozeados (ex. consoante sonora e vogal);

Já no modelo fonológico de **item e processo**, de Noam Chomsky e Morris Hale (1968), o /S/ é caracterizado por uma matriz de traço. Macedo (2004) reproduz o quadro da matriz de traços para as fricativas alveolares e palatais da seguinte forma:

(03)

	s	z	ʃ	ʒ
Anterior	+	+	-	-
Recuado	-	-	+	+
Voz	-	+	-	+

Na leitura do quadro pode-se afirmar que: se o segmento posterior apresentar o traço [- voz], teremos a realização do [s] ou a sibilante passa a [- ant], tornado-se a palatal surda [ʃ]; quando a consoante é [+ voz] teremos a realização [z] ou a palatização [ʒ].

“Vale salientar que se este segmento [+ voz] for uma vogal, geralmente, a sibilante assimila o vozeamento da vogal, mas mantém seu traço [+ ant], realizando-se como [z], ocorrendo então um processo de ressilabificação, deixando de ocupar a posição de coda de uma sílaba, para ocupar a posição de *onset* da sílaba seguinte.” (MACEDO, 2004 p. 64)

### 3. A FRICATIVA CORONAL SURDA DENTRO DA COMUNIDADE PESSOENSE

Pesquisas realizadas na comunidade pessoense, apontam que o comportamento da coda interna é diferente ao da coda final, visto que temos realizações diferenciadas para cada posição. Em posição interna, Hora (2003) afirma que o fonema /S/ se apresenta de forma heterogênea, ora sendo realizado como alveolar [s, z], ora como palatal [ʃ, ʒ] e ainda de forma aspirada [h]. No tocante à posição final Hora e Pedrosa (2008) apontam as mesmas realizações que a coda interna, acrescentando a possibilidade do apagamento deste fonema [s, z, ʃ, ʒ e ø]. Assim, teremos o seguinte quadro:

(04)

[s]	Coda medial e final
[z]	Coda medial e final
[ʃ]	Coda medial e final
[ʒ]	Coda medial e final
[ø]	Coda final
[h]	Coda medial

Diante dessa realidade o objeto de nosso estudo foi analisar o comportamento da fricativa coronal em posição de coda no contexto da leitura. O nosso corpus é formado por escolares do nível fundamental I. Sabemos que nessa etapa da vida escolar, há uma forte tendência de se ler reproduzindo fielmente aquilo que está escrito, pois os sujeitos da pesquisa estão ainda na fase de aquisição. Buscamos estabelecer correlações entre a realização do /S/ em posição de coda, verificando o papel dos fatores lingüísticos. No tocante a estes fatores, é sabido que as diferentes realizações deste fonema na fala estão relacionadas ao contexto fonológico seguinte. Observamos também que no tocante ao comportamento da fricativa coronal em posição de coda, o que muitas vezes são considerados erros de leitura, na verdade, são marcas dialetais.

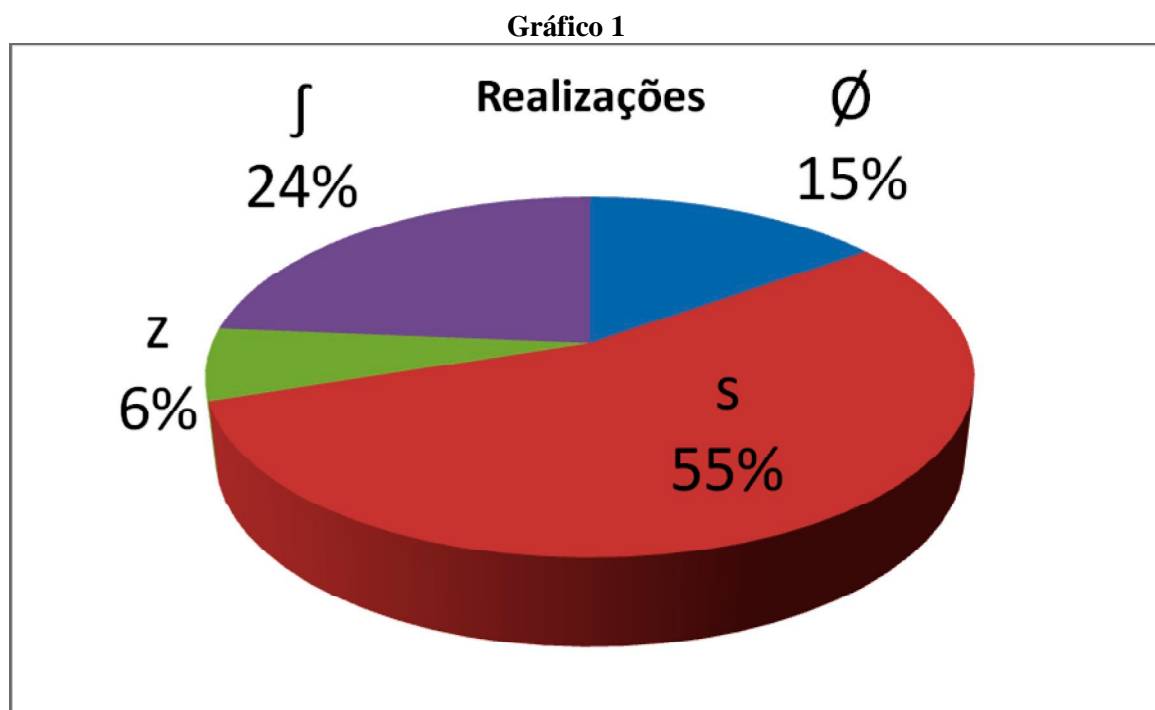
#### 4. METODOLOGIA

O material lingüístico aqui utilizado foi coletado por meio de gravações de um texto e de frases. Nossa amostra contou com 12 informantes, sendo 6 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Os informantes selecionados estavam cursando as três séries iniciais do fundamental I.

Para a análise dos dados da fala foi utilizado o Goldvarb 3.0b3. Para a submissão dos dados ao programa, foram criados os códigos correspondentes as variáveis dependentes e independentes. As variáveis dependentes dizem respeito às diferentes formas de realização do /S/ em posição de coda: alveolar surda [s], alveolar sonora [z], palatal surda [ʃ], palatal sonora [ʒ], fricativa glotal [h] e o zero fonético [∅]. Já as variáveis independentes são os fatores que condicionam as múltiplas realizações da fricativa coronal surda em coda silábica. Nesta pesquisa, as variáveis independentes escolhidas como grupo social foram o sexo e a escolaridade. Com relação às variáveis lingüísticas foram escolhidos os seguintes grupos de fatores: **posição da sílaba** (coda medial ou final), **contexto fonológico precedente** (oclusiva, nasal e vogal), **contexto fonológico seguinte** (oclusiva, nasal, vogal e pausa), **dimensão do vocábulo** (duas, três, quatro ou mais), **tonicidade** (átona e tônica) e a **natureza da palavra** (plural ou /s/ pertencente ao radical).

#### 5. ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista que este trabalho constitui em uma pequena amostragem do comportamento da fricativa coronal surda em coda silábica no âmbito da leitura, como dissemos anteriormente, analisamos palavras que apresentassem o /s/ no contexto estudado em um texto escolar e em frases de nossa autoria. No total de ocorrências, foram registradas 15 % para o zero fonético; 55% para a alveolar surda; 6 % para a alveolar sonora e 24% para a palatal surda, como se ver no gráfico abaixo:



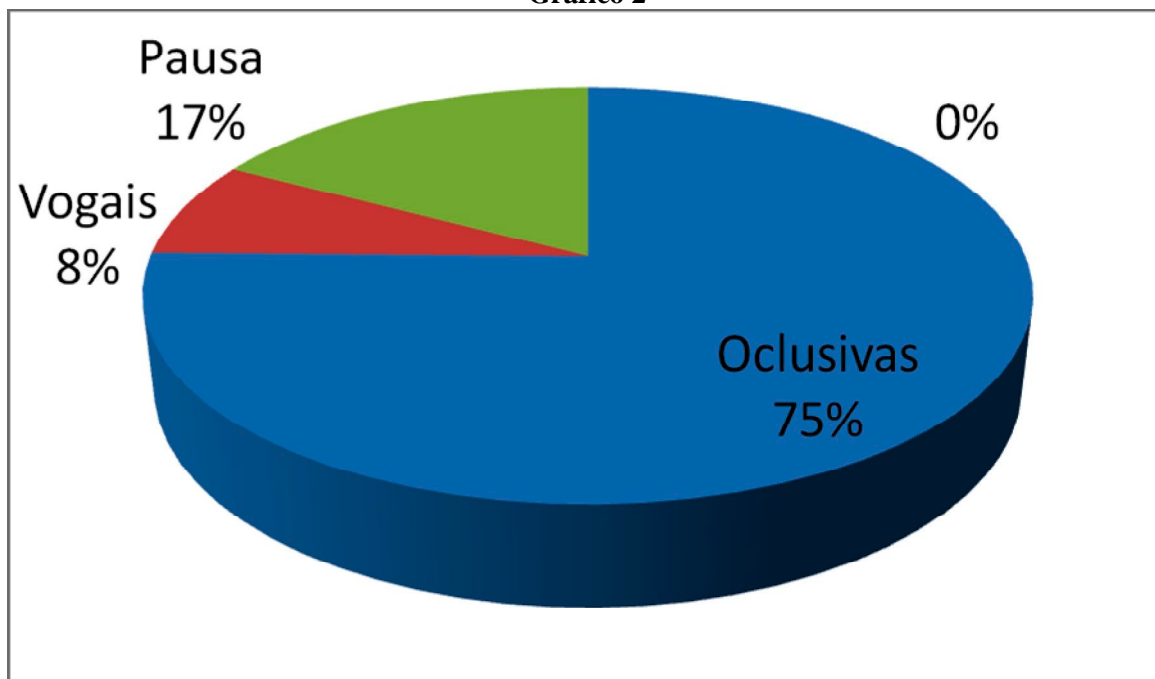
Como se pode observar na tabela 1, de fato, as marcas dialetais se fazem presentes no âmbito da leitura. Todavia, nota-se claramente, com uma maior ocorrência do [s], que os escolares tendem a ler reproduzindo o que está escrito.

No tocante ao [ʃ], observa-se que não houve nenhuma realização neste contexto. Entretanto, percebe-se que houve significativas realizações do [j]. Isto se deve ao fato de palatalizarmos o /s/ em posição de coda medial, como se observa em palavras do tipo *estava* e *preste* presentes nos textos.

É interessante perceber que a supremacia da variante alveolar surda, mesmo na leitura, indica que esse segmento é o que predomina no falar da comunidade pessoense.

A variável mais importante no condicionamento das variantes foi o *contexto fonológico seguinte*. No gráfico 2, observa-se que foram as consoantes oclusivas, a pausa e as vogais que mais favoreceram as diferentes realizações do /S/.

Gráfico 2



Com relação à posição da sílaba, nota-se, no gráfico 3, que na coda medial houve uma maior realização da alveolar surda e da palatal surda. Observou-se que não houve realizações do apagamento nem a produção do [z]. No tocante ao apagamento, Hora e Pedrosa (2008) afirmam que na posição interna este fenômeno não é produtivo. A não aparição da alveolar sonora, se deve ao fato de em nossa amostra não constar palavras com este alofone nesta posição. O número significativo do uso do [j] foi devido no falar paraibano palatalizarmos diante de oclusiva dental (HORA, 2008).

Gráfico 3  
Comportamento do /S/ em coda medial

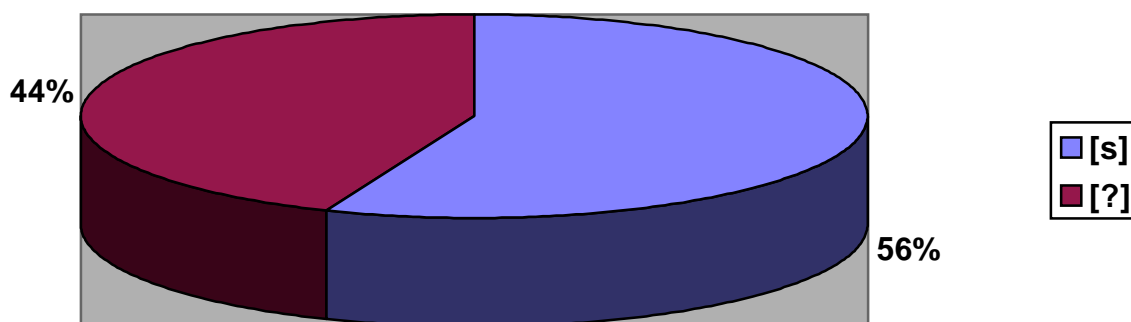
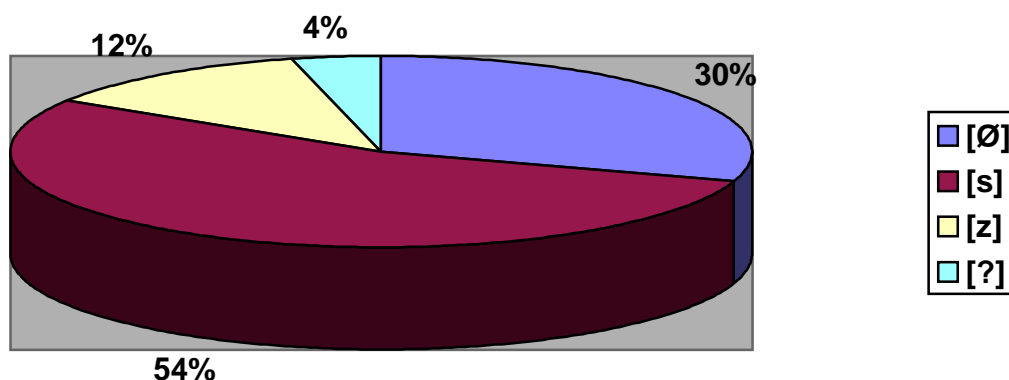


Gráfico 4

### Comportamento do /S/ em coda final



No que diz respeito a coda final, observa-se que há a possibilidade do apagamento, sendo bastante aceito, como asseveram Hora e Pedrosa (2008), diferentemente da coda medial.

Nota-se que em ambos os casos não houve realização da fricativa glotal, nem da palatal sonora, isto devido a poucas ocorrências destes fenômenos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos apresentar dados relacionados às múltiplas realizações do /S/ em coda silábica, tanto na posição medial quanto final, levando-se em consideração o fator que mais condicionou estas diferentes realizações. Devido o nosso *corpus* ser constituído de escolares do nível fundamental I, objetivamos apresentar que as marcas dialetais, que envolvem o processo fonológico pesquisado, se faz presente no ato de leitura durante o processo de decodificação.

Com a análise dos dados ficou comprovada que, de fato, as múltiplas realizações do /S/ em coda silábica no falar paraibano ficaram constatadas na leitura. Todavia, observa-se um maior uso da variante alveolar surda, em detrimento das demais.

A partir destes resultados, espera-se que muitos estudos sobre variação passem a abordar o âmbito da leitura. Deseja-se que este trabalho seja o início de outras pesquisas que abordem outros fenômenos lingüísticos na interface fala/ leitura.

### REFERÊNCIAS

- BRIGHT, Willian. **As dimensões da sociolingüística**. Apud SARAIVA, Carlos Alberto Moreira. **As múltiplas realizações do fonema /S/ em posição de coda na fala do cratense**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e a fonologia**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. Apud SARAIVA, Carlos Alberto Moreira. **As múltiplas realizações do fonema /S/ em posição de coda na fala do cratense**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.
- MACEDO, Sandra Siqueira de. **A palatalização do /S/ em coda silábica no falar culto recifense**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.
- OLIVEIRA, Gilvando Alves. **O –S implosivo na cidade de Natal: uma visão variacionista**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2002.
- RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, Jussara (Orgs). **Português Brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EduFF, 2008.

SARAIVA, Carlos Alberto Moreira. **As múltiplas realizações do fonema /S/ em posição de coda na fala do cratense.** Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.